

Dinâmica e trajetória socioeconômica da Microrregião do Alto Vale do Itajaí: principais fatores condicionantes do surgimento do segmento têxtil-vestuarista

Elaine Cristina de Oliveira Menezes
ESAG/UDESC
e-mail: eoliveira.menezes@gmail.com

Área temática: 1. Desenvolvimento e sustentabilidade sócio-ambiental

Resumo

O presente artigo tem o fim de avaliar a trajetória socioeconômica da microrregião do Alto Vale do Itajaí. Trata-se essencialmente de um exercício de avaliação dos principais fatores condicionantes do surgimento do segmento têxtil-vestuarista nessa microrregião. A pesquisa apresenta uma abordagem predominantemente qualitativa, mas também quantitativa, aliando as técnicas de entrevistas semiestruturadas à avaliação de dados estatísticos. Os resultados do estudo demonstram que a aglomeração têxtil-vestuarista surgiu num momento de crise econômica da microrregião. Tal crise esteve ligada à decadência do setor madeireiro que sofreu com a escassez do recurso florestal na região e com as mudanças no marco legal ambiental. Constata-se, também, que esse processo de formação socioeconômica foi acompanhado de alguns processos de degradação socioambiental, com a utilização predatória dos recursos naturais. Todavia, a dinâmica de formação socioeconômica nesta microrregião destaca características singulares no que diz respeito a atividades cooperativas e associativas, o que contribuiu para o surgimento do segmento têxtil-vestuarista. No que se refere às principais consequências da emergência deste segmento verifica-se a diminuição do êxodo dos jovens na microrregião e a retomada de um novo ciclo de desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí.

Palavras-chave: Desenvolvimento territorial sustentável; Trajetória de desenvolvimento; Segmento têxtil-vestuarista.

1 Introdução

Na análise de trajetórias de desenvolvimento territorial, a elucidação das condições peculiares da evolução de determinados espaços é colocada em primeiro plano (SABOURIN, 2002). A relevância desse tipo de instrumento de análise territorial está no fato dele permitir a reconstituição dos contextos históricos que condicionam a formação de determinadas dinâmicas territoriais de desenvolvimento simultaneamente socioeconômica, sociocultural e sociopolítica, sob o pano de fundo das coações e oportunidades impostas pela dotação em recursos naturais renováveis e não renováveis (SACHS, 1986). Com base nessas constatações, este artigo aprofunda a análise da trajetória de desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, tendo em vista uma compreensão mais ampla e sistêmica dos avanços e obstáculos à evolução do segmento industrial têxtil-vestuarista nesta microrregião.

No que se refere aos aspectos metodológicos tem-se um pesquisa exploratório-descritiva, pautada numa abordagem predominantemente qualitativa, mas também quantitativa, aliando as técnicas de entrevistas semiestruturadas à avaliação de dados estatísticos. Os participantes da pesquisa totalizaram 10 entrevistas junto à cidadãos dos

municípios do Alto Vale do Itajaí, dentre eles ex-prefeito, representantes do arquivo histórico, representantes da Unidavi e Amavi, APREMAVI e de prefeituras. A análise dos dados pautou-se numa perspectiva histórica, fundamentada na abordagem teórica do Desenvolvimento Territorial sustentável¹.

Inicialmente procuramos compreender a complexidade do processo de inserção da microrregião do Alto Vale no complexo cenário do desenvolvimento socioeconômico do Vale do Itajaí. Na sequência, oferecemos informações adicionais que permitem o delineamento de uma imagem mais nítida das características socioeconômicas *sui generis* desta microrregião inserida no contexto do Vale do Itajaí. Finalmente, no terceiro bloco da linha de argumentação apresentamos uma síntese dos fatores críticos que influenciaram mais decisivamente a trajetória de evolução do segmento têxtil-vestuarista no Alto Vale, para assim apresentar o contexto do surgimento do segmento têxtil-vestuarista no Alto Vale do Itajaí.

2 O Alto Vale do Itajaí no contexto do Vale do Itajaí

A região do Vale do Itajaí é formada por 53 municípios, ocupando uma área de aproximadamente 15.000 Km². Em termos de ordenamento territorial, é cortada pela BR 470 e pela BR 282, funcionando como uma via de acesso à região do Oeste Catarinense e mantendo ligação com o litoral e com a região do Planalto Serrano. Conforme dados do SEBRAE (2006), a participação territorial dessa mesorregião em relação ao Estado é de 15,9%, e a participação populacional atinge o patamar de 21,9%. Embora a participação territorial do Vale do Itajaí seja inferior à do Planalto Serrano, que detém a maior participação no Estado (28,5%), a participação populacional é considerada a mais elevada de Santa Catarina.

Segundo as projeções do IBGE realizadas em 2005, nessa macrorregião vivem aproximadamente 1.282.727 habitantes. Sua característica mais expressiva é a existência de um tecido cultural impregnado pela imigração alemã e italiana - a primeira em maior proporção do que a segunda (SEBRAE, 2006). Inúmeros foram os estudos realizados sobre a organização sócio-espacial e socioeconômica do Estado. Muitos deles concentraram-se na compreensão das características singulares do Vale do Itajaí. Podemos mencionar sobretudo (i) as contribuições de Paul Singer na análise socioeconômica dos riscos envolvidos na

¹ Compreende-se Desenvolvimento Territorial Sustentável como uma abordagem do desenvolvimento alternativo que congrega duas vertentes, a do Desenvolvimento Territorial (BECATTINI, 1999; BAGNASCO, 1999; BENKO, 2001; COURLET e SOULAGE, 1994; COURLET, 2000; MAILLAT, 1995) e a do Ecodesenvolvimento (produtivo) (VIEIRA, 2006; VIEIRA e CAZELLA, 2004; SACHS, 1986).

especialização industrial, antecipando assim a crise que afetou o setor têxtil na década de 1990; (ii) a reflexão de Maria Luiza Renaux Hering, que relaciona o processo de desenvolvimento catarinense ao enfoque shumpeteriano do empreendedorismo e da inovação técnica, especialmente em Blumenau e Brusque; (iii) as concepções de Idaulo José Cunha, que se dedicou a analisar a rede urbana de Santa Catarina e as relações de Blumenau com a sua hinterlândia; (iv) as de Armen Mamigonian, que se concentrou numa investigação detalhada do processo de industrialização de Blumenau na década de 1960, enfatizando os aspectos geográficos – fatores locacionais e deslocamentos de mão-de-obra, bem como o processo migratório que influenciou a configuração desta cidade e estrutura a cidade de Blumenau; (v) as contribuições de Giralda Seyferth, que empreendeu uma análise das representações sobre a identidade camponesa dos imigrantes que aportaram no Vale; e, finalmente, (vi) as contribuições recentes de Alcides Goularti Filho que traça a trajetória de formação da economia catarinense, bem como as importantes contribuições de Cécile Raud e de Hoyedo Nunes Lins, entre outras.

Todas essas contribuições tendem a confirmar que as características singulares dos processos de colonização e industrialização catarinense situaram este Estado, durante algum tempo, numa posição privilegiada no cenário do desenvolvimento nacional, tendo o Vale do Itajaí destaque nesse contexto.

2.2 Visão cursiva do processo de colonização e povoamento do Alto Vale do Itajaí

O Estado de Santa Catarina teve inúmeras frentes de colonização, e algumas delas foram importantes para o processo de povoamento do Alto Vale do Itajaí. Essa microrregião, conforme os representantes da prefeitura de Ituporanga, APREMAVI e UNIDAVI, sofreu influência da colonização, por um lado, de São Pedro de Alcântara² e Blumenau, organizada por imigrantes alemães,³ e, por outro, da colonização dos italianos advindos, após 1875, das localidades de Nova Trento, Rodeio, Rio dos Cedros, e também Ascurra, Apiúna e Luis Alves. Além dessas duas grandes frentes, observa-se uma terceira, um pouco menos expressiva, a dos açorianos que sobrevieram do Litoral Sul do Estado, e, mais tarde, a migração da região serrana, daqueles que estavam fugindo da Guerra do Contestado. Com

² É importante destacar que a constatação da relevância da frente de colonização de São Pedro de Alcântara para a microrregião foi apontada por entrevistados de municípios que têm maior proximidade geográfica com essa região (São Pedro de Alcântara), consequentemente concluímos que a parte alta da microrregião do Alto Vale sofre maior influência dessa frente de colonização. Observa-se também que tais constatações não corroboram com os estudos sobre o processo de colonização realizado por autores como Cunha (1982).

³ As duas regiões que deram origem a essa área foram: Blumenau (em direção à Amônia e Bela Aliança (atual Ibirama e Rio do Sul) e São Pedro de Alcântara (em direção à atual Alfredo Wagner e Ituporanga).³

exceção dos municípios de Rio do Oeste e Laurentino, que têm predominância da colonização italiana, e, de certa forma, os municípios de Ibirama e cidades circunvizinhas, com predomínio dos alemães, os demais municípios do Alto Vale sofreram, portanto, influência preponderantemente de três etnias, sintetizadas no quadro seguinte.

FRENTES DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Alemã	Colonização organizada, com a compra de terras e constituição de núcleos de povoamento e de uma economia de subsistência.
Italiana	Colonização organizada com aquisição de terras e posterior início das atividades.
Açoriana	Colonização não organizada (trabalhavam nas terras como empregados - não adquiriam as terras -, eram trabalhadores das terras de alemães e italianos).

Quadro 1: Frentes de colonização

Fonte: Elaborado a partir da pesquisa de campo

O Quadro 1 indica que as frentes de colonização alemã e italiana foram organizadas e que os imigrantes adquiriam suas próprias terras. Já a colonização açoriana resultou da necessidade de mão-de-obra para trabalhar nas colônias. Para caracterizar a influência da imigração alemã para o Alto Vale, vale a pena ressaltar que mesmo Blumenau tendo sido fundada 21 anos depois de São Pedro de Alcântara, a primeira revelou-se mais próspera, tendo a seu favor os rios que auxiliavam no escoamento da produção agrícola, bem como o processo de estatização, que ocorreu em 1860. A segunda, por outro lado, teve suas fontes de financiamento suspensas logo após ter sido fundada. Pelo fato de não dispor, na época, de solos propícios à agricultura, acabou provocando a migração dos colonos para outras regiões. Todavia, o Alto Vale sofreu influência de ambas as colônias, com os alemães vindo de São Pedro de Alcântara rumo à Blumenau, povoando as localidades de Ituporanga, Atalanta, Vidal Ramos, entre outros municípios circunvizinhos, e os alemães vindos de Blumenau, que buscavam um canal de ligação entre o litoral e o planalto, investindo no povoamento de Ibirama (Hamônia), Rio do Sul entre outros municípios.

No que se refere às outras etnias que contribuíram para o processo de colonização e povoamento da região do Alto Vale, a mais significativa foi sem dúvida a italiana, que se fortaleceu com a instalação da empresa colonizadora de Luiz Bertoli. Essa empresa se instalou em Rio do Oeste e impulsionou a colonização dos italianos nos municípios de Rio do Oeste, Taió, Salete e Rio do Campo, após 1875. O processo de expansão da colonização italiana da segunda geração, vinda de municípios como Nova Trento, Rodeio, Ascurra, e outros, foi induzido sobretudo pela necessidade de assentamento dos filhos dos imigrantes, em função das terras nessas localidades terem se tornado escassas para garantir a subsistência das famílias de agricultores.

De acordo com alguns estudiosos, esse processo de imigração que vinha do litoral e do planalto foi fortalecido pela necessidade de melhor articulação entre essas regiões. Ou seja, ao longo do tempo, com a vinda dos imigrantes, algumas das empresas colonizadoras e o próprio Governo do Estado perceberam a importância de se construir um canal de ligação entre o Planalto e o Litoral, abrindo ao mesmo tempo uma frente de comunicação com o Oeste. Conforme Kita (2006), os processos de colonização e povoamento do Alto Vale foram marcados pelo fato das terras terem sido adquiridas e povoadas na confluência dos rios Itajaí do Sul e do Oeste. Esta configuração influenciou decisivamente a ocupação do território e a sua dinâmica socioeconômica, facilitando o escoamento dos produtos gerados pela indústria extrativista.

As terras do Alto Vale do Itajaí pertenciam à Colônia Blumenau desde 1850. Permaneceram todavia desabitadas por muitos anos. Segundo Zanella (2007), a tardia colonização do Alto Vale deveu-se sobretudo ao desinteresse dos governantes da Colônia Blumenau pelo aproveitamento dessa região. Embora fossem favoráveis ao processo colonizador, eles estavam mais preocupados em fixar os colonos alemães nos arredores de Blumenau, principalmente onde hoje estão localizados os municípios de Gaspar, Pomerode, Indaial, Timbó, Massaranduba e, um pouco mais distante, Hamônia (atual Ibirama). No entanto, era iminente a perspectiva de povoamento da região do Alto Vale, em função da abundância e da qualidade dos recursos naturais, além da possibilidade de trocar terras agricultáveis pelo trabalho de construção de estradas.

Embora tenha sido realizada uma expedição militar vinda da Colônia Santa Tereza rumo ao Alto Vale, foi somente a partir de 1859 que algumas visitas sistematizadas foram feitas à região pelo engenheiro Odebrecht. Essas expedições impulsionaram a expansão do sistema viário. Mas somente em 1864 as expedições alcançam a região onde hoje se localiza o município de Rio do Sul - na confluência dos rios Itajaí do Sul e do Oeste -, prosseguindo até a Serra Geral. A partir de então, foram realizadas as primeiras demarcações da estrada. Contudo, segundo Alves (2004), somente em 1874 foi iniciada a construção de uma picada margeando o Rio Itajaí-Açu, que foi concluída em 1878, passando a ser trafegada por animais cargueiros e colonizadores.

Como não existiam facilidades de transporte na região, em 1867 foi construída uma balsa junto ao leito dos Rios Itajaí do Sul e do Oeste, atual Rio do Sul. Com a melhoria no transporte fluvial, em 1892, surge a primeira residência da região. A região, nesse período, obteve do rio a sua principal via de acesso e a contribuição necessária para a consolidação do processo de povoamento do Alto Vale do Itajaí. Seria preciso destacar ainda que na

comunidade de Lontras, região próxima de Rio do Sul, já existiam algumas moradias de colonos, indicando assim uma elevação gradual do número de habitantes. Com efeito, a região apenas começava a se desenvolver, em virtude das dificuldades de acesso e dos conflitos com os indígenas.

Em função disso, somente em 1904, na comunidade Bella Alliança, surgiu o primeiro estabelecimento comercial. Após a sua instalação, outros comerciantes decidiram se estabelecer em Lontras e Matador. Com o comércio, novas áreas passam então a ser povoadas (DAGNONI, 2000)⁴. De 1919 em diante, essas outras frentes de colonização foram abertas a partir de empresas colonizadoras de menor porte, que atraíam residentes do litoral e colonos de origem italiana. Eles aglomeravam-se em pequenas comunidades como parte de uma estratégia de proteção contra as invasões de tribos indígenas, a exemplo das localidades de Lontras, Matador e Bella Alliança. Nesse período, intensifica-se a vinda de imigrantes em virtude da construção de estradas e da melhoria do acesso à região. Em consequência, outras localidades passaram a ser habitadas, como Witmarsum, em 1924; Salete, em 1925; Presidente Nereu, em 1928; e Atalanta e Imbuía, em 1930.

Desde a década de 1920, o povoamento da área passou a apresentar uma curva mais acelerada de expansão. Embora tenham ocorrido focos de colonização no decorrer do século XIX, foi no século XX que o povoamento se intensificou.

Vale a pena insistir no reconhecimento de que a história do povoamento do Alto Vale do Itajaí, assim como a de muitas outras regiões do Brasil, foi marcada pela destruição sistemática dos povos indígenas. Uma particularidade desta região é que, nesse período, o Vale do Itajaí era povoado pelos índios Xokleng. O contato entre esses nativos⁵ e os imigrantes europeus foi marcado por conflitos e insegurança de ambos os lados. Estima-se que dois terços da população indígena tenha sido dizimada nos primeiros anos de ocupação. Os conflitos eram geralmente mediados pelo governo da província e pelos catequizadores.⁶ Neste sentido,

⁴ Sendo elas: Mirim Doce e Presidente Getúlio iniciadas em 1904; em Agronômica, Rio do Campo e Trombudo Central em 1909, que se intensificara com a abertura das estradas; no ano de 1910 mais imigrantes chegam à região; e em 1911 começam a se originar os povoados de Taió, Serra Alta, Cobras, Barra do Trombudo, Laurentino, Pouso Redondo e também Braço do Trombudo; em 1912 inicia-se o povoamento em Ituporanga; em 1916, Agrolândia; 1917, Rio do Oeste; e Dona Emma, em 1919 (DAGNONI, 2000).

⁵ Esses dependiam da caça e da coleta, o que os obrigava a dominar um enorme território. Eles teciam suas roupas utilizando fibras de urtiga, eram habilidosos construtores de arcos e flechas e não possuíam tradição agrícola. Na verdade, conforme Nötzold e Vieira (1999), esses povos habitavam toda a região que ia desde o litoral até o planalto (desde as proximidades de Porto Alegre-RS) até as proximidades de Paranaguá-PR.

⁶ Com a chegada dos colonizadores, verdadeiras batalhas e chacinas aconteceram entre índios e colonizadores, em virtude da busca pela posse das terras.

[...] a história Xokleng foi, e ainda é invisibilizada através dos escritos governamentais, de autoridades colonizadoras, de imigrantes alemães e de obras regionais, em detrimento de uma história do sucesso da colonização que, quando se remete aos índios, o faz apenas para incluí-los como um dos obstáculos a serem combatidos ou, mais tarde, comemorando a vitória de sua exclusão definitiva (WITTMANN, 2005, p. 8).

A Reserva Duque de Caxias⁷ foi criada para agrupar os Xokleng após a pacificação, alcançada em 1914. A adaptação dos Xokleng ao aldeamento envolveu uma série de dificuldades: (i) a recusa do trabalho na agricultura; (ii) a proibição da saída para além dos limites do Posto; (iii) as doenças trazidas pelos brancos; (iv) a recusa do tratamento da medicina convencional e o abandono de diversos costumes. Para fixá-los ao território da reserva, os indigenistas ofereceram-lhes alimento gratuitamente procurando dispensá-los da necessidade da caça. O produto disto, no decorrer dos anos, foi o desenraizamento cultural dos Xokleng, o que os forçou a abandonar suas tradições e os reduziu à condição de dependentes do Estado.

A realidade dos Xokleng no período da constituição da microrregião é singular. Perdida a integração com o meio ambiente, os índios chegaram a desmatar completamente as áreas em que viviam, estimulados pelas madeireiras. Devastada a cobertura florestal, secaram-se alguns rios. Não havia mais madeira, não havia mais dinheiro e tampouco subsídios do Estado. Dessa forma, muitos nativos acabaram caindo na marginalidade (HENRIQUES, 2000).

Além do problema com os indígenas, em virtude dos desmatamentos extensivos realizados na região durante a fase de colonização e povoamento, as cheias se intensificaram no período de 1950 a 1990. Na década de 1970, a construção de uma barragem para a contenção de cheias acabou inviabilizando a utilização de 870 hectares de terras férteis - ribeirinhas e de várzea. Em consequência, a comunidade Xokleng passou ocupar áreas montanhosas e irregulares para a obtenção de alimentos e a construção de moradias (SIEGEL, 2005). Atualmente, uma das suas principais reivindicações é a ampliação da Reserva - de 14.156 hectares para 37 mil hectares. Essa questão continua indefinida, causando conflitos e tensões entre índios e agricultores nas proximidades da Reserva. Portanto, o processo de povoamento, a formação socioeconômica e a quase extinção dos povos indígenas do Alto Vale ocorreram concomitantemente.

Importa destacar ainda que o Alto Vale se consolidou como região geo-econômica independente de Blumenau apenas em 1958, no bojo de um Seminário Socioeconômico que

⁷ Essa se localiza nos municípios de Ibirama, José Boiteux, Vitor Meireles, Itaiópolis e Doutor Pedrinho e compreende uma área de 14.156 hectares.

foi concebido pela Federação das Indústrias de Santa Catarina - por iniciativa do prefeito de Presidente Getúlio (ZANELLA, 2006). Este evento serviu de base para a elaboração do Plano de Metas do Governo Celso Ramos, eleito em 1960. Dando sequência ao delineamento da trajetória de desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, na seção seguinte destacamos a forma pela qual se fortaleceu a dinâmica de industrialização da região em estudo.

3 Peculiaridades do processo de industrialização: a emergência do segmento têxtil-vestuarista no Alto Vale do Itajaí

Torna-se virtualmente impossível abordar a especificidade do processo de industrialização do Alto Vale do Itajaí sem levarmos em conta a formação do setor secundário em Blumenau. De acordo com Mamigonian (1965), uma particularidade da região do Vale do Itajaí reside no fato de que a parcela de imigrantes que aportou em Blumenau era de origem alemã, dotados de habilidades típicas de uma civilização em estágio semi-industrial de evolução. Além disso, com a abundância da água e recursos naturais, tornou-se possível a produção de energia e a sofisticação progressiva da produção de bens e serviços. Todavia, a carência de matérias-primas essenciais dificultava a evolução dos primeiros sistemas produtivos.

Mamigonian (1965) distingue três fases no processo de industrialização de Blumenau e que indiretamente influenciou a industrialização do Alto Vale. A primeira vincula-se ao *surgimento das primeiras indústrias, 30 anos após o início do povoamento da região*. Trata-se de uma fase caracterizada pela existência de apenas uma malharia e duas tecelagens de algodão, que utilizavam máquinas de segunda mão trazidas da Alemanha. Essas máquinas, por sua vez, não se serviam de energia elétrica e os produtos assim gerados eram comercializados em Blumenau e no seu entorno. Mas a historiografia oficial registra também a presença de alguns poucos nichos de artesanato, moinhos de pequeno porte, alambiques, cervejarias, curtumes e micro-empresas de fabricação de charutos. No início do século XX, com a produção de energia, surgem pequenas fiações alimentadas pela aquisição de máquinas alemãs.

A segunda fase inicia-se após a Primeira Guerra Mundial, impulsionada pela crise provocada pela Primeira Guerra Mundial. Nesse período, o processo de industrialização no nível local começa realmente a se consolidar. O artesanato agrícola passa a ser valorizado e a chegada de um novo contingente de imigrantes tecnicamente qualificados em termos industriais e comerciais reflete o poder de atração que Blumenau passou a exercer. No transcurso da década de 1920, foram criadas as primeiras fábricas de confecções, cadarços,

chapéus, gaitas e móveis; nas décadas seguintes, apesar da crise da economia mundial no final dos anos 1920, essa mesma tendência ascendente se mantém.

A terceira fase foi deflagrada às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, Blumenau já havia se consolidado como metrópole regional do Vale do Itajaí, sediando as sucursais dos principais bancos nacionais e dispondo inclusive de uma agência própria. A conjuntura da guerra não chegou a abalar a expansão do parque industrial local, e tampouco inibiu a instalação de novos empreendimentos. No período do pós-guerra, com a chegada de uma leva adicional de imigrantes à região, acentua-se a tendência de expansão da cidade.

Embora a socioeconomia da macrorregião do Vale do Itajaí tenha sofrido forte influência de Blumenau, o desenvolvimento de cada microrregião apresentou características específicas e inconfundíveis. De maneira geral, as características do clima e da vegetação, além da presença dos indígenas, impuseram sérios obstáculos à concretização da estratégia de desenvolvimento idealizada pelos imigrantes. Por sua vez, o modelo agrícola adotado pelos colonizadores pressupunha o desmatamento e a posterior queimada, contribuindo assim para a degradação progressiva do meio ambiente biofísico.

Com efeito, na diversificação das atividades econômicas do Alto Vale o rio exerceu um papel decisivo, ao permitir que os colonos se abastecessem de víveres e instrumentos de trabalho nas regiões de Aquidabam, Ascurra, Rodeio, Warnow, Indaial e Blumenau. Em função das dificuldades encontradas nesses trajetos, geralmente longos e arriscados, os agricultores passaram a se organizar tendo em vista a produção local desses suprimentos. Emergia assim a figura do agricultor-comerciante.

Essa fase da trajetória socioeconômica do Alto Vale foi marcada pelas atividades agrícolas e, por implicação, pela extração de madeira. Já que a formação de áreas agricultáveis pressupunha o desmatamento extensivo. Nas áreas desmatadas, desenvolveu-se inicialmente uma agricultura de subsistência, pouco especializada, variando de 25 a 30 hectares - dimensão considerada, na época, ideal para assegurar a subsistência das famílias (ALVES, 2004). O povoamento baseado em minifúndios e concentrado nas margens dos cursos d'água respondeu posteriormente pelo agravamento do problema (crônico) das enchentes.⁸

Os agricultores dedicavam-se principalmente à produção de mandioca, fumo e arroz, além do milho e de outras culturas de subsistência. A década de 1930 foi caracterizada pelo

⁸ Desconsideraram o conhecimento dos indígenas que não se estabeleciam próximos à beira dos rios.

predomínio da atividade agrícola com a presença das fecularias de mandioca, numa região dotada de terras ácidas. Quando os colonos começaram a se preocupar com o uso de insumos para a correção do solo e, conseqüentemente, para a diversificação produtiva, o cultivo da mandioca entrou em crise, que perdurou até a década de 1960, acarretando a falência de inúmeras fecularias e atafonas⁹.

As famílias Hering e Swarowsky lideraram o processo de criação e consolidação da rede comercial a partir de 1906, na localidade de Matador. Com a vinda dos Swarowsky, ocorre a divisão do mercado e dos lucros na “colônia”,¹⁰ além do fortalecimento das relações comerciais com a Europa, por meio da fumicultura. Mas esta dinâmica exportadora entrou rapidamente em declínio, em virtude da baixa qualidade do fumo produzido (BLOGOSLAWSKI, 2002).

Apesar da melhoria das condições de acesso aos bens e serviços disponíveis nos mercados locais, os colonos continuaram insistindo na abertura de novos mercados na região polarizada por Blumenau. Importa reenfatizar aqui o fato da economia local ter sido dinamizada, naquela época, pelo comércio de madeiras e de produtos manufaturados nos engenhos e atafonas, exigindo intercâmbios cada vez mais frequentes com comerciantes sediados em outras localidades (BLOGOSLAWSKI, 2002). Nos primeiros tempos prevalecia a troca de produtos por serviços de moagem realizados nos engenhos e atafonas. Além disso, os colonos evitavam escoar os seus produtos em áreas muito distantes, utilizando o tempo dedicado aos deslocamentos e, dessa forma, favorecendo a diversificação de suas atividades.

Mas os avanços obtidos na racionalização progressiva das condições de trabalho não chegaram a abalar as relações de exploração impostas aos colonos pela rede de comerciantes (BLOGOSLAWSKI, 2002). A colonização italiana desempenhou um papel destacado na estruturação do mercado local – a exemplo da atuação de Emmenbergo Pellizzetti,¹¹ pioneira na disseminação de uma imagem de desenvolvimento local autônomo para o Alto Vale do Itajaí. Essa orientação foi fortalecida por meio da constituição do Banco Popular, em 1928, um mecanismo de crédito cooperativo do Quinto Distrito de Blumenau - Bella Aliança, que se transformou posteriormente no município de Rio do Sul (PELLIZZETTI, 1985). A

⁹ Em se tratando também da agricultura nota-se que quando da utilização de produtos para correção do solo, surge o processo de diversificação da agricultura, isto ocorre a partir da metade do século XX, com a introdução de adubos químicos. Sendo assim, a colonização da região ocorreu de maneira despreocupada com a questão ambiental, também por influência das técnicas oriundas da revolução verde.

¹⁰ Segundo Blogoslawski (2002), essas duas famílias, Hering e Swarowsky, competiam entre si a posse de terras.

¹¹ Segundo Beatriz Pellizzetti, os primeiros imigrantes que vieram à região de Rio do Sul (Odebrecht, entre outros) foram os desbravadores, e aqueles como Pellizzetti foram pioneiros. Pellizzetti conviveu aqui no Brasil com Giovanni Rossi, e teve grande ideal como a construção do hospital, difusão da agricultura na região, do banco popular e mesmo da agroindústria.

consolidação dessa sociedade de crédito contribuiu de forma preponderante para a formação de um tecido social coesivo e estimulador do empreendedorismo local.

A idéia da criação do Banco Popular e Agrícola de Bella Aliança, inspirada no sistema LUZATTI, contou com o apoio do então governador Alfonso Konder. Além do incentivo à diversificação da socioeconomia regional, a intenção era evitar que as pessoas da região se deslocassem até Blumenau para efetuarem suas transações financeiras e comerciais (PELLIZZETTI, 1985). Os depoimentos coletados no trabalho de campo convergem no reconhecimento de que Emmenbergo Pellizzetti foi um dos principais idealizadores das chamadas *Domingueiras Agrícolas*, uma espécie de feira que gerou um efeito dinamizador nos sistemas produtivos implantados na colônia. Nessas ocasiões, além da comercialização de frutas e mudas, estimulava-se o intercâmbio de saberes e técnicas de cultivo. A continuidade dessa iniciativa responde, na atualidade, pela organização da *Festa da Colheita* na região.

Algumas características desse sistema de crédito merecem um tratamento mais pormenorizado. De acordo com a pesquisa realizada por Pellizzetti (1985), a realização das *Domingueiras Agrícolas* representou um fator importante na utilização do crédito rural para o aprimoramento do nível tecnológico das explorações agrícolas, valendo-se da cooperação como um fator de aumento da produtividade. Esses encontros¹² foram pouco a pouco assumindo o perfil de exposições – um espaço de difusão de equipamentos e insumos, bem como de conscientização tendo em vista a melhoria da qualidade dos produtos. Ao mesmo tempo, promovia-se nesses espaços a nomeação de “Entes Morais”, engajando as cooperativas na difusão das inovações tecnológicas com base na atuação da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural. Além disso, o *ethos* empreendedor foi fortemente estimulado pelo funcionamento do Banco Popular e Agrícola de Bella Aliança, onde os agricultores obtinham crédito, sementes e instrumentos, a preços adequados. Um desdobramento interessante do efeito dinamizador gerado por esse tecido cultural cooperativo diz respeito à disseminação do interesse dos colonos por uma importante linha de diversificação produtiva que culminou no surgimento da triticultura na região.

Assim sendo, a expansão industrial em Blumenau contrastava com a dinâmica do Alto Vale, onde se procurava – sob forte influência de Emmembergo Pellizzetti – suprir as deficiências de um mercado urbano em crescimento e, ao mesmo tempo, atender às demandas

¹² Em conjunto, o Banco popular e Agrícola de Bella Aliança, a Sociedade Lavradores e a Sociedade de Atiradores de Rio do Sul organizaram as Domingueiras, conforme Pellizzetti (1985), onde os lavradores trocavam conhecimentos úteis, expunham suas próprias idéias, trocavam sugestões e conselhos, além da realização de exposições de frutas e derivados. Também nestas domingueiras divulgavam o trabalho do Banco Popular.

locais de transporte e melhores condições de escoamento da produção agrícola. Parece inquestionável, do ponto de vista da historiografia regional, que a emancipação do município de Rio do Sul esteve intimamente relacionada com a gestão de Ermembergo Pellizzetti como deputado no período de 1925 e 1930.¹³

Já destacamos anteriormente que a trajetória de crescimento econômico observada nessa microrregião foi marcada não só pela presença dominante da agricultura familiar, mas também pela expansão do segmento madeireiro e extrativista – sobretudo no que diz respeito a extração do óleo de sassafrás - principalmente no período de 1920 a 1950.

Além disso, é importante esclarecer que o Alto Vale abrigava na época simultaneamente a floresta ombrófila densa e a floresta ombrófila mista, onde predominavam as espécies¹⁴ consideradas economicamente atrativas pelos colonos (ALVES, 2004). No que tange à extração do óleo sassafrás, exportado para alimentar a indústria de cosméticos norte-americana, seu aproveitamento na região foi direcionado inicialmente para a fabricação de inseticidas e essências aromáticas.

O segmento extrativista teve relativa importância para o desenvolvimento da região. Com base nos depoimentos coletados durante o trabalho de campo, constatamos que o setor madeireiro expandiu-se em consequência da necessidade de aquisição das áreas de cultivo, construção de moradias e produção de mandioca¹⁵. Embora essa atividade tenha surgido na fase de povoamento da região, foi nos anos de 1920 a 1940 que o “ciclo da madeira” se fortaleceu, contribuindo inclusive para a construção de Brasília¹⁶. Um dos entrevistados admitiu que “[...] muitos enriqueceram com a venda da madeira, setor extrativista por excelência, mas esse tipo de exploração diminuiu sem dúvida a cobertura verde da região”. As práticas ecologicamente predatórias de extração, alimentadas pelo nível rudimentar de processamento industrial da madeira, produziram a descaracterização progressiva da paisagem original (ALVES, 2004, p. 45). Mais tarde, os impactos socioambientais negativos do extrativismo madeireiro descontrolado constituíram uma variável determinante na elucidação das causas do declínio desse segmento.

A partir de 1916, a pomicultura e a fumicultura começaram a ser desenvolvidas e até hoje são consideradas de grande relevância econômica para a região. O mesmo pode ser

¹³ Ele é denominado de patriarca da emancipação política de Rio do Sul e redigiu o primeiro projeto da emancipação política de Rio do Sul.

¹⁴ Canela-preta, canela-assafrás, peroba vermelha, imbuia, etc.

¹⁵ Conforme Entrevistado 1, os colonos tinham prazo para retirar a madeira e para começar a plantar.

¹⁶ Inclusive, conforme a entrevistada da AMAVI, havia abusos por parte dos vendedores de madeira, caminhões carregados de madeira que partiam para Brasília superfaturavam.

afirmado no caso da rizicultura. Mas um período de instabilidade econômica instalou-se no período posterior à Segunda Grande Guerra, estendendo-se até a década de 1980. Com a decadência da produção da mandioca, além do esgotamento das florestas e das restrições impostas pela legislação ambiental, observa-se o esgotamento do ciclo da madeira e o surgimento de uma crise responsável pelo agravamento do êxodo rural (ZANELLA, 2006).

A princípio, os empresários locais vinculados ao segmento madeireiro decidiram reagir investindo na criação de alternativas em outras regiões. Mas o quadro de recessão, com forte evasão de capitais e de pessoas acabou predominando. Além da crise do ciclo da madeira, a região sofria com a carência de recursos governamentais para a melhoria da infraestrutura local (ZANELLA, 2006). Na opinião de um dos entrevistados, trata-se de um ponto crítico da trajetória da região, pois “foi nesse momento que os empresários acordaram para a situação regional”.

Para tornar a situação ainda mais preocupante, nos anos de 1983 e 1984 as comunidades ali sediadas vivenciaram duas das maiores enchentes já registradas na região. Apesar de outros eventos similares terem ocorrido em anos anteriores (em 1928, 1954 e 1966), eles não alcançaram a mesma intensidade da catástrofe gerada em 1983 e 1984. A opinião pública converge no reconhecimento de que “[...] a enchente de 1983 foi a maior de todas; ela acabou com tudo, foi devastadora”. Até essa data, conforme um dos entrevistados “[...] parece que a população local, em virtude da abundância de recursos naturais e do modelo de povoamento trazido pelos imigrantes, estava de costas para o rio, ou seja, tinha o hábito de jogar dejetos e lixo no rio e tinha uma forma de ocupação do espaço distante do ideal”. A população simplesmente desconsiderava os riscos de transbordamento dos rios.

A partir de 1983, tem início um movimento de conscientização sobre a urgência de um espaço de planejamento preventivo tendo em vista o enfrentamento das causas estruturais do problema. O saldo positivo das enchentes consistiu, dessa forma, na formação de uma rede de atores sociais sensíveis a uma transformação profunda na maneira de encarar o fenômeno. Ricos e pobres passaram a se engajar na busca de respostas inovadoras para a resolução de problemas comuns, evidenciando uma tomada de consciência historicamente inédita da importância da variável socioambiental no planejamento do desenvolvimento urbano e regional. O depoimento de um dos entrevistados reproduz de forma eloquente este ponto de vista: “o morro se abriu, antes desses acontecimentos relativos às enchentes, tais espaços, localizados nas regiões mais elevadas das cidades, eram ocupados por pobres, e, após as enchentes, esses espaços passam a ser ocupados por ricos; o morro melhorou, mas as relações de vizinhança pioraram”.

Em síntese, o período de 1960 a 1980 tornou-se o cenário de crises setoriais que acarretaram inflexões significativas na trajetória de desenvolvimento do Alto Vale, agravadas por contingências climáticas bastante adversas. Outro fato marcante nessa trajetória nos anos de 1980 tem como protagonistas importantes os madeireiros, os indígenas e a sociedade civil organizada. A extração descontrolada de madeira na região alcançou a área da Reserva Duque de Caxias. Severamente afetados nas suas condições de subsistência, os indígenas migraram em massa para as cidades, adensando o contingente de excluídos. Tais acontecimentos chamaram a atenção da sociedade civil de Ibirama e de vários municípios vizinhos, culminando no surgimento da APREMAVI¹⁷. Trata-se de uma ONG com perfil ideológico preservacionista, que passou a pressionar as instituições públicas para a retirada dos madeireiros da reserva.

Importa salientar ainda que a extração madeireira, desde o período da colonização nessa microrregião, influenciou fortemente o surgimento de várias outras atividades econômicas. Dependendo diretamente de mão-de-obra especializada na reparação dos equipamentos de extração, processamento e transporte, passou a atrair cada vez mais a atenção de artesãos especializados. Aos poucos, emergiu um setor metal-mecânico embrionário na área, garantindo a eficácia da linha de produção nas serrarias. Como ressaltou um dos entrevistados, “[...] foi a partir das ferramentarias e do mecânico Hermann Purnhagen, este vindo de Jaraguá do Sul, que essa indústria se consolida, permanecendo atuante até os dias atuais”. Sendo assim, com a decadência do setor extrativista, o embrionário setor metal-mecânico se fortalece e ganha espaço.

Outro segmento que se consolidou em decorrência da extração madeireira foi o de produção de papel e papelão. Nas últimas décadas, ele vem ganhando espaço em virtude do fortalecimento das práticas de reflorestamento com espécies exóticas. Num dos depoimentos registrados em campo consta que “[...] essas atividades foram uma extensão do setor madeireiro, obviamente, para aqueles empresários que sobreviveram à crise e não migraram para o litoral”.

De forma resumida, no rol dos eventos mais significativos constatados no decorrer do período de 1960 a 1980 incluímos: (i) a crise que afetou o setor madeireiro, (ii) as limitações do setor agrícola na garantia de subsistência dos colonos, (iii) o êxodo de jovens agricultores, (iv) a formação gradual do setor metal-mecânico, oferecendo todavia pouco espaço para a

¹⁷ A Associação de Preservação do Meio Ambiente do Alto Vale – APREMAVI é uma instituição sem fins lucrativos fundada por 19 pessoas, em 9 de julho de 1987, na cidade de Ibirama. Seus primeiros anos de vida foram marcados pelas denúncias de desmatamento de florestas nativas e recuperação florestal.

absorção da mão-de-obra excedente; e finalmente (iv) a ocorrência de enchentes periódicas e de grande magnitude.

Durante praticamente uma década os rio-sulenses e, como consequência, todo o Alto Vale, viveram esse período de colapso econômico e este fato gerava uma preocupação constante. Os industriais, os políticos, a imprensa, os munícipes em geral, todos estavam preocupados com o futuro econômico de Rio do Sul e buscavam soluções para o problema (ZANELLA, 2006, p. 39).

Embora muitos desses acontecimentos tenham sido gerados em escala local, durante os anos que antecederam o golpe militar de 1964 o conjunto da economia brasileira mostrou-se instável, refletindo-se também no cenário regional. No âmbito estadual,

[...] a partir da metade da década de 1960, Rio do Sul e região acordaram para uma nova realidade econômica. As idéias dos industriais rio-sulenses em buscar soluções para o retrocesso econômico provocada pela “quebra” das serrarias, aliadas às esperanças emanadas do Presidente Castelo Branco e às ações desenvolvimentistas do Governo Celso Ramos, produziram efeitos positivos.

Ou seja, em meio a esse contexto de crise e instabilidade político-econômica, as autoridades locais preocupadas com a situação do Alto Vale encomendaram um estudo sobre alternativas de desenvolvimento local¹⁸ (TRICHES *et. al.*, 2006). A pesquisa confirmou a potencialidade dos segmentos metal-mecânico e de confecções na busca de revitalização socioeconômica do conjunto da região. O segmento de confecções emergiu em 1978 com base numa forte mobilização das instituições públicas e das comunidades¹⁹. Neste sentido, a influência exercida por Blumenau foi marcante, por meio do intercâmbio de *know how* para a formação da mão-de-obra local e para a aquisição de insumos – num movimento de interiorização do setor têxtil-vestuarista de Blumenau.

O ponto de partida foi a instalação, na área, das empresas Daksul e Tecidos Leal (TRICHES *et. al.*, 2006), apesar de já existir a empresa Deola desde 1974. Confirmando a presença de indústrias do Médio Vale na estruturação deste setor no Alto Vale tem-se dois casos representativos, o da Hering (em Ibirama) e o da SulFábrica (em Rio do Sul). Por um lado, a Hering, fundada em Ibirama no ano de 1985, mantém até hoje suas atividades neste município e em seus arredores. Segundo entrevistas realizadas em Ibirama, a Hering tem desempenhado um papel de grande relevância na dinamização socioeconômica do conjunto da região. Além da criação de uma Cooperativa de Crédito idealizada pelos próprios funcionários, a direção da empresa tem investido na capacitação da mão-de-obra local e também na subcontratação de atividades de fábricas junto aos municípios vizinhos.

Em 1976, o setor iniciou em Ibirama com a instalação de uma unidade da Hering (sua instalação foi concluída em 1976). As outras empresas foram ‘crias’ da Hering,

¹⁸ Rio do Sul é o maior município do Alto Vale e a primeira cidade emancipada dentro do processo imigratório.

¹⁹ O segmento de confecções surge por iniciativa das mulheres da região, que enquanto seus maridos estavam desempregados, passaram a trabalhar como costureira para manter suas casas.

pois foi a partir da Hering que obtivemos conhecimento e tecnologia. Somos um braço do setor de Blumenau. Em 1976, com a instalação da Hering, a mão-de-obra feminina ociosa passa a ser produtiva. Os empresários da região não viram com bons olhos a instalação da Hering na época. Mas foi a partir dela que foi sendo disseminado o setor, a partir dos ex-funcionários da Hering. Hoje a unidade da Hering aqui em Ibirama é voltada para o exterior. A Hering tem várias empresas aqui, que são do grupo Hering, mas com nome e razão social distinta (Entrevistado 10 – ex-prefeito de Ibirama).

Por sua vez, a SulFábril apresentou um perfil diferente de atuação na cena do desenvolvimento regional. Estabeleceu-se em Rio do Sul por volta de 1980. Ainda nessa década, chegou a contratar 700 empregados. Nos anos de 1990 entra em crise e, em 1996, começa a agilizar as rescisões motivadas de contratos. A falência foi decretada em 1999, ocasionando o desemprego em massa das empregadas, que passaram a concentrar sua força de trabalho no desenvolvimento das chamadas *facções* – inicialmente sob a forma de pequenas empresas de “fundo de quintal”.

A decadência da SulFábril provoca uma reorientação significativa do setor de confecções no município, favorecendo o resgate do ideário do empreendedorismo e da diversificação produtiva. O *know how* adquirido pelos funcionários da empresa viabilizou o surgimento das *facções*²⁰, que realizavam prestação de serviços para empresas sediadas em Blumenau (Médio Vale) e atualmente também para empresas localizadas em Rio do Sul.

A atividade de confecção de produtos de malha (algodão) era - e ainda é - fruto da influência exercida por Blumenau, mas nesse período de formatação do setor a produção de jeans também passou a se destacar. A confecção de jeans emerge em Rio do Sul em 1978, por iniciativa de Dalva Maschio à frente da empresa Daksul:

Dalva diz que começou a costurar por necessidade, a família era muito pobre e ela precisava ajudar no orçamento. A saída encontrada: fabricação de jeans. [...] Ela fabricava algumas peças durante a semana, e com as sacolas em mãos, saía na outra para vender. Tudo era feito manualmente [...] As peças eram cortadas no chão e a comercialização feita de porta em porta. Com o tempo, Dalva conquistou clientela e passou a investir em maquinário. [...] o crescimento foi gradativo (RIO DO SUL, jun. 2005, p. 14).

Nesse contexto, a mão de obra feminina passou a ganhar força no Alto Vale. As mulheres, geralmente excluídas do mercado de trabalho, passaram a contribuir com a renda familiar, ultrapassando em muitos casos a renda auferida pelos chefes de família²¹. Trata-se, portanto, de um período relativamente promissor, que teve na promoção da mão-de-obra feminina um dos seus pilares. Um ponto importante a ser mencionado é que o uso dos equipamentos, bem como o aprendizado para a fabricação de produtos obtidos do jeans exige mudanças substanciais nas unidades produtivas (que anteriormente trabalhavam com a

²⁰ Termo popularmente usado para definir uma empresa que atua na informalidade.

²¹ Em entrevista com um agricultor cuja esposa já havia trabalhado em “*facções*” aparece a transformação ‘cultural’ em que ele diz: “hoje os homens não podem ser mais machões” (agricultor).

confeção de produtos em algodão - malha). Nesse contexto, curiosamente, o jeans de Rio do Sul ganha progressivamente espaço no mercado e torna-se o carro chefe de muitos municípios do Alto Vale.

A partir de 1990, diante do surgimento de novos obstáculos conjunturais à evolução cumulativa do setor, um grupo de empresários locais decide formar um Sindicato Patronal voltado ao atendimento dos interesses específicos do empresariado sediado em 23 municípios do Alto Vale. Nasce assim o Sindicato das Indústrias da Fiação, Tecelagem, Confeção e do Vestuário, do Alto Vale do Itajaí - SINFIATEC, em 1992 ²². Sua criação representou o início de uma nova etapa de reorganização do setor na região. Esse período foi marcado também pelas ações do Sindicato de Fiação e Tecelagem e Vestuário de Rio do Sul e região do Alto Vale, entidade representativa dos trabalhadores, cuja base territorial abrangia os municípios de Rio de Sul, Ituporanga, Laurentino, Rio do Oeste, Pouso Redondo, Taió, Trombudo Central, Aurora, Rio do Campo, Salete, Agronômica, Petrolândia, Presidente Nereu, Vidal Ramos, Mirim Doce, Braço do Trombudo, Imbuia e Lontras.

Entre 1995 e 1996, constata-se uma retomada do crescimento do setor, em virtude do aumento das exportações, acarretando o surgimento de novas empresas, principalmente de micro e pequeno porte. Mas a partir de 2000, conforme o depoimento de um representante do Sinfiatec, uma nova fase de estagnação se instala, em virtude dos problemas cambiais que propiciaram a queda das exportações e, com isso, a falência de muitas empresas. O setor oscila com as pressões impostas pela nova conjuntura econômica mundial, conforme expresso pelo fala seguinte: “[...] essas empresas, Hering e SulFábril, instalaram-se nessas regiões em uma época de prosperidade do Brasil. Para nossa economia foi importante. Houve momentos de crise, mas o que afetou de veras o ramo têxtil foi a globalização. A crise de 1990 provocou a reestruturação do setor de Blumenau. Hoje, por causa da China, o setor vive de altos e baixos. É muito trabalho para pouco rendimento” (ex-prefeito de Ibirama).

Entretanto, apesar das dificuldades, este segmento foi responsável pela criação de cerca de 6.805 postos de trabalho em 2005, distribuídos nas 469 empresas (RAIS, 2006). Isso sem computar os empregos informais, que de acordo com muitos dos entrevistados alcança 30% dos postos de trabalho formal. Embora o segmento de confecções influencie substancialmente o nível de empregabilidade na região, é importante frisar que a economia local é bastante diversificada, fruto da sua trajetória histórica. Dentre esses outros setores,

²² Sendo eles: Agrolândia, Agronômica, Atalanta, Aurora, Braço do Trombudo, Imbuia, Ituporanga, Laurentino, Lontras, Mirim Doce, Petrolândia, Presidente Nereu, Pouso Redondo, Rio do Campo, Rio do Oeste, Rio do Sul, Salete, Taió, Trombudo Central, Vidal Ramos, Chapadão do Lajeado, Santa Terezinha e Alfredo Wagner.

muitos também se consolidaram no transcurso do processo de industrialização regional, contribuindo para que o Alto Vale conseguisse emergir da crise no período de 1960 a 1980.

Ao analisarmos os índices de representatividade do emprego formal dos principais setores produtivos do Alto Vale frente ao do Estado observamos que o segmento de confecções é o mais representativos em número de emprego. Porém, em relação ao estado de Santa Catarina a fabricação e montagem de veículos automotores e reboques e carrocerias é o mais representativo, conforme ilustrado no quadro a seguir.

Principais atividades industriais do Alto Vale do Itajaí	Região	Estado	% do emprego em relação ao estado
Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias	1.301	8.765	14,84
Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de com...	323	2.447	13,20
Fabricação de produtos do fumo	54	591	9,14
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	6.805	76.096	8,94
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	1.250	15.105	8,28
Fabricação de moveis e industrias diversas	2.686	34.497	7,79
Fabricação de produtos de madeira	3.154	43.448	7,26
Fabricação de produtos de metal - exclusive maquinas e equipamentos	1.279	22.006	5,81
Fabricação de maquinas e equipamentos	1.756	31.412	5,59
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	1.438	27.316	5,26
Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	3.094	81.874	3,78
Fabricação de produtos têxteis	1.763	55.034	3,20
Silvicultura, exploração florestal e serviços relacionados	190	9.543	1,99
Agricultura, pecuária e serviços relacionados	615	37.198	1,65
Metalurgia básica	135	17.057	0,79
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	38	12.926	0,29
Total	25.881	475.315	5,45

Quadro 2: Emprego por setor na região, estado e respectivo (%) em relação ao Estado **Fonte:** Rais (2006) * Divisão CNAE 1995 – emprego

Apesar do setor de confecção oferecer atualmente o maior número de postos de trabalho (cerca de 6.805 empregos diretos), a atividade que dispõe de maior representatividade relativamente ao Estado corresponde à fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias, todavia, em termos de postos de trabalho dispendidos à região o segmento do vestuário é o mais representativo (vestuário com 6.805 empregos, frente 1.301 empregos da fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias). Uma outra característica do Alto Vale que julgamos digna de registro diz respeito ao fato das atividades econômicas ali desenvolvidas concentrarem um grande número de empresas de pequeno e médio porte, de cunho familiar, especialmente aquelas do segmento têxtil-vestuarista.

De acordo com muitos entrevistados, no rol dos setores que têm apresentado um nível significativo de representatividade estão incluídos o metal-mecânico, o têxtil e de confecções, o agroindustrial, e o de reflorestamento, móveis e madeira, com ascensão de outros setores, a exemplo do turismo. Assim, concluímos que a trajetória histórica e socioeconômica do Alto Vale do Itajaí é marcada por crises econômicas e escassez de recursos naturais que culmina na emergência e evolução do segmento têxtil-vestuarista. Esse segmento representou e representa uma atividade de significativa importância para a geração de emprego e renda nesta microrregião.

4 Considerações finais

Neste artigo caracterizamos a forma de ocupação do Alto Vale do Itajaí, que mobilizou imigrantes alemães e italianos na exploração de pequenas propriedades, concentradas inicialmente no município de Rio do Sul. Na época da chegada dos imigrantes, em 1850, o Vale do Itajaí, e especialmente o Alto Vale, era povoado pelos índios Xokleng. Durante o processo de ocupação e colonização estima-se que dois terços da população indígena tenha sido dizimada. Os poucos remanescentes que habitam hoje em dia a Reserva Duque de Caxias, localizada em José Boiteux, permanecem excluídos das dinâmicas de desenvolvimento regional.

Destacamos ainda que os imigrantes dedicaram-se inicialmente à agropecuária de subsistência e à extração vegetal (madeira). As atividades primárias impulsionaram o surgimento de um parque industrial centrado na produção de alimentos e madeira que se mantém até hoje em vários municípios (INSTITUTO EUVALDO LODI DE SANTA CATARINA, 2001). A bagagem cultural trazida pelos imigrantes alemães e italianos contribuiu significativamente para a consolidação da trajetória de crescimento socioeconômico.

O isolamento geográfico e econômico das frentes de colonização fez com que as pessoas ali sediadas produzissem quase tudo de que necessitavam para sobreviver (MENEZES et. al., 2006). Somado à economia agropecuária de subsistência, o setor madeireiro foi fortalecido pela abundância de florestas, tornando-se o principal motor da economia no período seguinte ao da colonização. Porém, a partir das mudanças na legislação ambiental e do esgotamento progressivo dos recursos florestais, o ciclo madeireiro entrou em

decadência. A reconfiguração socioeconômica ²³ acarretou o surgimento de outros setores, a exemplo do metal-mecânico, do têxtil-vestuarista, do madeireiro centrado no reflorestamento com espécies exóticas, e da agroindústria, além do terciário, centrado no turismo.

Outros tópicos importantes da linha de argumentação desenvolvida dizem respeito à formação socioeconômica do conjunto do Baixo, Médio e Alto Vale, considerada estruturalmente imbricada. Neste sentido, argumentamos que a evolução do setor secundário no Vale do Itajaí, por influência de Blumenau, refletiu-se, de certa forma, no processo de industrialização do Alto Vale. Esses elementos influenciaram sensivelmente a diversificação atual da socioeconomia do Alto Vale. Por outro lado a região articulou-se como ponto de ligação entre o Planalto Serrano e o Litoral. Situada na confluência dos rios Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste, transformou-se, mais tarde, num polo comercial regional. Salientamos que, durante muitos anos, o Alto Vale foi o centro fornecedor de produtos agrícolas para o Médio Vale, que vinha se industrializando rapidamente. Porém, essa condição foi se alterando com o passar dos anos.

Além disso, a proximidade de Blumenau criou condições propícias à criação e consolidação do setor têxtil-vestuarista, a partir de 1980. Insistimos no reconhecimento da importância econômica desse setor intensivo em mão de obra, em função do aparecimento de inúmeras MPEs, muitas facções informais, que entram e saem do mercado de acordo com as oscilações do ambiente econômico nacional e internacional.

²³ Por influência de Blumenau e Joinville (que tinham um aparato institucional para formação da mão-de-obra em setores especializados) os setores metal-mecânico e confecções (interiorização, por exemplo do segmento de confecções) passam a tomar espaço importante na vida econômica do território.

EVOLUÇÃO DA TRAJETÓRIA DE DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO ITAJAÍ								
F A T O R E S C R Í T I C O S	1850-1920		1920-1960		1960-1990		1990-2000	
	Produção agrícola de subsistência com pouca comercialização dos excedentes Estruturação do mercado local - pequeno comércio Aparecimento de artesãos e ferramenteiros Produção de fumo, mandioca e outras culturas de subsistência,a exemplo do milho. Extração da madeira.		Atividade extrativista intensa; Auge do ciclo da madeira - extração de óleo sassafrás e criação de serrarias Produção e beneficiamento da mandioca Fortalecimento do comércio local Formação de uma sociedade de crédito local Fortalecimento do espírito associativista Surgimento de indústrias do setor metalúrgico.		Rarefação dos recursos florestais e mudanças na legislação provocando a decadência do setor em 1960. Evasão de capitais locais Mudanças na estruturação dos mercados e decadência da agricultura familiar de pequeno porte nas décadas de 1980 e 1990. Surgimento do setor metal-mecânico. Aparecimento de empresas do setor têxtil-vestuarista Problemas socioambientais gerados pelas enchentes.		Proliferação das empresas e facções e diversificação da atividade têxtil-vestuarista Intensificação da produção de jeans e espraiamento para os municípios menores (facções). Fortalecimento do setor metal-mecânico. Restabelecimento do setor madeireiro, por meio dos programas de reflorestamento. Surgimento do turismo rural e de práticas agroecológicas. Continuidade da rizicultura e decadência da fumicultura. Decadência da pequena propriedade agrícola.	
	Estruturação das vilas e formação de um tecido socioeconômico de subsistência, polarizado pelo extrativismo (madeira).		Extrativismo madeireiro e surgimento de alguns outros poucos setores industriais.		Período de crise e busca de alternativas de crescimento econômico.		Ascensão das atividades vestuaristas, fortalecimento do segmento metal-mecânico e embrionário turismo rural/ agroecológico.	
	Conflitos com indígenas Dificuldades de comercialização da produção.		Conflitos com indígenas Dificuldades de transporte e comercialização Disponibilidade de energia elétrica.		Transferência de algumas empresas (e capitais) para outras regiões do País (especialmente para o litoral) Êxodo rural para outras localidades - do Vale e do Estado.		Êxodo rural Enfraquecimento da cultura local Enfraquecimento do cooperativismo.	
	PROBLEMAS							

Figura 1: Fases do processo de formação socioeconômica do Alto Vale do Itajaí

Fonte: Organizado pela autora

A Figura 1 apresenta uma síntese da trajetória de desenvolvimento do Alto Vale até o presente. Ressaltamos também que, apesar da abundância de recursos naturais e da incorporação do patrimônio cultural dos imigrantes europeus, o processo de colonização, povoamento e industrialização foi pautado num modelo de desenvolvimento com perfil economicista. Destaca-se também neste quadro que a emergência do segmento têxtil-vestuarista está diretamente relacionada à crise do segmento madeireiro-extrativista e à mobilização local no sentido de buscar alternativas para a economia da microrregião. Esse fato também foi descrito por Becattini (1999) e Bagnasco (1999) quando esses pesquisadores estudaram a realidade dos distritos industriais italianos.

Alem disso, no que se refere aos principais impactos socioambientais gerados pelo perfil de utilização da base de recursos naturais locais foram os seguintes.

	Atividades geradoras de impactos socioambientais negativos	Tipo de degradação	Consequências
Alto Vale do Itajaí	Extração madeireira (até a década de 1980)	Desmatamentos Poluição (dejetos das serrarias).	Assoreamento dos rios. Enchentes.
	Fumicultura e rizicultura	Desmatamentos Contaminação dos recursos hídricos pela utilização de adubos químicos.	Comprometimento da qualidade dos recursos hídricos.
	Indústrias metal-mecânica, têxtil-vestuarista e agroindústria. Reflorestamento.	Contaminação dos recursos hídricos. Desmatamentos.	Pressão no sentido da urbanização Estímulos ao reflorestamento ecologicamente predatório.

Quadro 3: Impacto das atividades econômicas na região do Alto Vale do Itajaí

Fonte: Adaptado de Apremavi (2005)

Por sua vez, o Quadro 3 oferece a síntese dos principais efeitos do processo de povoamento e desenvolvimento da região. Em menos de 100 anos, conforme Apremavi (2005), com o crescimento econômico foram destruídas cerca de 80% das florestas da região. A degradação socioambiental atingiu a fauna selvagem e provocou ainda o aparecimento de vários tipos de pragas, a exemplo do borrachudo (*Similium pertinax*) e dos insetos hematófagos. A comunidade regional convive atualmente com um estilo de desenvolvimento marcado pela lógica da exploração econômica de curto prazo, com base na qual “[...] os desequilíbrios ecológicos só preocupam na medida em que criam externalidades negativas nos processos de produção, sendo,

por conseguinte, tratados gradualmente e em base remediadora” (SACHS, 1986, p. 49). Portanto, toda a linha de argumentação apresentada até aqui confirma que o processo de desenvolvimento foi colocado em prática sem um planejamento regional adequado às características específicas do meio ambiente da região. Ressaltamos neste sentido que nas últimas décadas, e especialmente, nos últimos anos, emergiram várias organizações da sociedade civil que começaram a pressionar o poder público e o sistema econômico regional para um ajuste de conduta em favor da qualidade do meio ambiente biofísico e construído. Apesar de incipientes, essas iniciativas já vêm apresentando alguns resultados positivos.

Referências

- ALVES, Arildes Franco. **O caráter multifuncional da agricultura**: um estudo de caso no município de Rio do Sul - Alto Vale do Itajaí-SC. 2004. 125 f. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Agroecossistemascias). UFSC. Florianópolis, 2004.
- APREMAVI. **Planejando propriedades e paisagens**. Rio do Sul: [s.n.], 2005.
- BAGNASCO, Arnaldo. Desenvolvimento regional, sociedade local e economia difusa. In: COCCO, Giuseppe; URANI, André; GALVÃO, Alexandre Patez. **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos**: o caso da Terceira Itália. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- BECATTINI, Giacomo. Os distritos industriais na Itália. In: COCCO, Giuseppe; URANI, André; GALVÃO, Alexandre Patez. **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos**: o caso da Terceira Itália. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- BLOGOSLAWSKI, Ilson Paulo Ramos. **A escola alemã no alto Vale do Itajaí**: sociedade escolar: Colônia Matador, 1892-1930. Rio do Sul: Nova Era, 2002.
- CARRIÈRE, Jean-Paul e BOCK, Emilie. **Le développement des villes intermédiaires atlantiques**: quel rôle dans la perspective d’une construction polycentrique du territoire européen? Tour: [s.n.], 2006. (mimeo)
- CAZELLA, Ademir Antônio. **Os municípios ambivalentes catarinenses**. Florianópolis: [s.n.], 2004. (mimeo)
- CAZELLA, Ademir Antônio. Contribuições metodológicas da sócio-antropologia para o desenvolvimento territorial sustentável. **Eisforia**: desenvolvimento territorial sustentável: conceitos, experiências e desafios teórico-metodológicos. Florianópolis, v. 4, n. especial, dez. 2006.
- COMITÊ DO ITAJAÍ. **Plano de recursos hídricos da bacia hidrográfica do Rio Itajaí**: construindo o futuro da bacia. Blumenau: Fundação Agência de Água do Vale do Itajaí, set 2006.
- _____. **Plano de recursos hídricos da bacia hidrográfica do Rio Itajaí**: construindo o futuro da bacia. Blumenau: Fundação Agência de Água do Vale do Itajaí. Disponível em: <<http://www.comiteitajai.org.br/hp/index.php>>. Acesso em: 15 nov. 2007.

DAGNONI, Cátia. Colonização de Rio do Sul: alemães e italianos. **Rio do Sul nossa história**, v. 2, n.6, Rio do Sul: Fundação Cultural de Rio do Sul, 2000.

_____. Interdisciplinaridade e meio ambiente: meio ambiente e urbanização em Rio do Sul. **Rio do Sul nossa história em revista**. Rio do Sul: Continental, v. 9, n. 01, mar 2007.

FRANK, B.; BOHN, N. A experiência de criação e implementação da Agência da Água do Itajaí. *Revista de Estudos Ambientais*, v. 3, n. 2 e 3, p. 53-69, Blumenau: FURB, 2001.

HENRIQUES, Karyn Nancy Rodrigues. **Territórios indígenas em espaços urbanos: um estudo da migração dos indígenas da TII Ibirama para Blumenau/SC**. 2000. ____f. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do CFH), UFSC, Florianópolis, 2000.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo populacional 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo/divulgacao.shtm>>. Acesso em: 02 jan 2007.

INSTITUTO EUVALDO LODI DE SANTA CATARINA **Desenvolvimento da competitividade regional: metodologia para diagnóstico, planejamento e intervenção**. Florianópolis: [s.n.], 2001. (mimeo)

KITA, Silvia Regina Toassi. Rio do Sul: colonização espontânea ou entreposto comercial? **Rio do Sul nossa história em revista**. v. 8, n. 01, Rio do Sul: Continental, mar 2006.

LENZI, Cristiano Luis. Em busca de novas alternativas para o Vale do Itajaí: uma reflexão a partir do debate sobre o esgotamento do “Modelo Catarinense”. In: THEIS, Ivo M.; MATTEDI, Marcos Antônio; TOMIO, Fabrício Ricardo de Lima (org). **Novos olhares sobre Blumenau**. Blumenau: FURB, 2000.

MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 27, n. 3, jul./set. 1965.

MENEZES, Elaine C. O *et al.* Modelo de análise do projeto de pesquisa **Desenvolvimento territorial sustentável: diagnóstico de potencialidades e obstáculos em zonas rurais do Estado de Santa Catarina: estudo de caso na região do Alto Vale do Itajaí**. Florianópolis: [s.n.], 2006. (mimeo)

NÖTZOLD, Ana Lúcia e VIEIRA, Edna Elza. A ocupação do espaço. In: KLUG, João e DIRKSEN, Valberto. **Rio do Sul: uma história**. Rio do Sul: Ed. UFSC, 1999.

PELLIZZETTI, Beatriz. **Pioneirismo italiano no Brasil meridional: estudos de caso**. Curitiba: IHGEP, 1981.

_____. **Um banco de imigrantes em Santa Catarina**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1985.

POLEZA, Maristela Macedo. **Mudanças na estrutura urbana de Rio do Sul em decorrência das enchentes de 1983**. 2003. 300 f. Dissertação (Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional). FURB, Blumenau, 2003.

RAIS. **Dados do número de empresas e emprego divisão CNAE 95**. Brasília, CD Rom. 2006.

SABOURIN, Eric. Desenvolvimento rural e abordagem territorial. In: Sabourin e Teixeira (org) **Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais**. Distrito Federal: Embrapa, 2002, p. 21-37.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento humano, trabalho decente e o futuro dos empreendedores de pequeno porte no Brasil**. Brasília: SEBRAE, 2002. p. 19-45.

_____. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.

SEBRAE. **Santa Catarina em números: um panorama das macrorregiões de atuação do Sebrae-SC**. Florianópolis: Sebrae, 2006.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Disponível em: < <http://www.spg.sc.gov.br>>. Acesso em: 26 jun. 2007.

_____. **Plano catarinense de desenvolvimento: SC 2015**. Florianópolis: Secretaria de Planejamento do Estado de Santa Catarina, 2005.

SIEGEL, Norberto. **A ética a partir da reciprocidade e a educação informal do povo Xokleng**. 2005. ____f. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação), Fundação Universidade Regional de Blumenau, 2005.

TRICHES, Gilmar Paulinho et al. **Competitividade sistêmica do pólo de confecções de jeans na região de Rio do Sul - Santa Catarina**. Disponível em: . < http://www.igea.com.br/site/index.php?secao=biblioteca&assu_id=7> . Acesso em: 20 jan. 2006.

UNIVERSIDADE do estado de Santa Catarina. **Atlas geográfico do Médio Vale do Itajaí**. Disponível em: <<http://www.faed.udesc.br/geolab/atlas/atlas.html>>. Acesso em: 05 maio 2007.

VALE DO ITAJAÍ. **Imagem da mesorregião do Vale do Itajaí**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:SantaCatarina_Meso_ValedoItajai.svg>. Aceso em: 08 abr. 2007.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2003.

VIBRANS, Alexander Christian. **A cobertura florestal da bacia do rio Itajaí: elementos para uma análise histórica**. 2004. f.(Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

VIEIRA, Paulo Freire e CAZELLA, Ademir Antônio (org). **Desenvolvimento territorial sustentável: diagnóstico de potencialidades e obstáculos em zonas rurais dos estados da Paraíba e Santa Catarina**. Florianópolis: [s.n.], 2004. (Modelo de análise referente ao projeto de pesquisa - mimeo)

WITTMANN, Luiza Tombini. **Atos de contato: história do povo indígena Xokleng no Vale do Itajaí/SC**. 2005. ____f. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História), UFSC, Florianópolis, 2005.

ZANELLA, Fiorelo. **A conquista de um sonho: Unidavi (1966-2006): consolidando novos caminhos**. Blumenau: Nova Letra, 2006.

_____. **Das clareiras da Barra do Tayó: um registro da oralidade histórica**. Blumeanu: Nova Letra, 2007.